

# Brasília e o exemplo americano

Guillermo Piernes

27 FEV 1994

Washington e Brasília nasceram no mesmo mês de abril, mas o próximo aniversário da capital brasileira deveria ser marcado pela firme luta contra um esvaziamento suicida, olhando o exemplo de desenvolvimento econômico do centro norte-americano de décadas.

A capital dos Estados Unidos, onde tive o privilégio de morar durante meia década, vai completar, dia 15 de abril, 203 anos, convertida num centro comercial de primeiro nível mundial ancorado no completo agrupamento de todos os órgãos do governo federal dentro de suas dez milhas quadradas.

Washington continua sendo uma cidade sem estado, símbolo da união de todos os americanos após a devastadora guerra civil. Brasília está machucada pelos intentos bairristas de tirar-lhe parte do poder em contraposição às diretrizes que tornaram o Brasil um país grande, e não apenas o litoralinho das primeiras décadas do século.

Americanos dos quatro cantos morreram nas diferentes guerras, inclusive os 58 mil 183 na guerra do Vietnã. Os principais símbolos da sua lembrança estão em Washington. Não teria sentido tê-los na bela São Francisco ou na industrial Seattle, nem em Miami.

Washington é cultura. Por exemplo The Smithsonian Institution possui mais de cem milhões de obras de arte e peças da Natureza. A Biblioteca do Congresso administra mais de 400 milhões de publicações, fotografias, filmes e obras de publicidade. Não vamos falar do Kennedy Center, que tem vários teatros e cinemas apresentando os últimos lançamentos em nível mundial.

A capital norte-americana foi o palco das

principais marchas pelos direitos civis, inclusive quando Martin Luther King anunciou que tinha o sonho de ver um dia uma sociedade caminhando sem injustiças raciais. Em Brasília estamos tendo pesadelos com custosos retornos de órgãos federais.

Washington é centro bancário, com o Riggs National Bank — mais de sete bilhões de dólares em fundos —, sem mencionar o Banco Mundial, o FMI, o Import-Export Bank. Que saibamos, ninguém pediu que sejam transferidos para cidades perto do mar, nem sequer para a histórica Richmond ou para a capital do jazz, New Orleans.

A região metropolitana de Washington tem o jornal de circulação nacional mais ampla, o **US Today**, o que é um fato lógico, pois a capital detém as maiores fontes de informação e bancos de dados do país.

As principais corporações mundiais têm seu principal conglomerado de decisões ou importantes escritórios em Washington, pois as idéias, que serão a ação de amanhã, saem à beira do Potomac.

Washington é esporte, com os **Redskins** entre os seis maiores times do futebol americano e cenário de grandes eventos de tênis, golfe, basquete, **hockey**. Organizar um torneio de nível mundial em Brasília é quase uma proeza, seja o Aberto de Golfe ou um campeonato de peteca. É preciso que os empresários e representantes das grandes organizações entendam que o que faz grande um evento esportivo, cultural ou político, não são apenas os protagonistas, mas também o peso dos seus espectadores.

■ Guillermo Piernes é diretor em Brasília da Champagnat Consultoria e vice-reitor da Universidad Champagnat, da Argentina

CORREIO BRAZILIENSE